

A ESPACIALIDADE DOS AGENTES ECONÔMICOS EM UBERLÂNDIA (MG): A ANÁLISE DE UMA CIDADE MÉDIA

Daniela Belo Silva
dbelo15@yahoo.com.br

Hélio Carlos Miranda de Oliveira
Prof. Instituto de Geografia/ FACIP-UFU
heliocarlosudi@gmail.com

Beatriz Ribeiro Soares
Profa. Dra. Instituto de Geografia/UFU
brsoares@ufu.br

RESUMO

O objetivo desse artigo é entender a espacialidade dos agentes econômicos na cidade de Uberlândia (MG), seu crescimento e os papéis desempenhados na transformação do espaço urbano e no estabelecimento de relações interurbanas, tendo como recorte temporal para a pesquisa o período entre 1997 e 2007. Os papéis desempenhados pelos agentes econômicos são fundamentais para entender as funções das cidades médias na rede urbana, tanto em escala regional como nacional, bem como suas transformações no espaço intra-urbano. Sendo assim, é destacada no texto a contribuição de alguns desses agentes econômicos para a consolidação de Uberlândia como uma cidade média de significativa importância regional e nacional.

PALAVRAS-CHAVE: cidade média, agentes econômicos, Uberlândia (MG).

THE SPATIALITY OF THE ECONOMIC AGENTS IN UBERLÂNDIA (MG): ANALYSIS OF A MEDIUM-SIZED CITY

ABSTRACT

The objective of this article is understand the spatiality of the economic agents in the city of Uberlândia (MG), its development and the played roles in the transformation of the urban space and on the establishment of the interurban relations, having as temporal cutting to the research the period between 1997 and 2007. The played roles by the economic agents are fundamental to understand the functions of the medium-sized cities in the urban network, both on a regional or national scale, as well their transformations in the intra-urban space. Therefore, is detached in the text the contribution of some of these economic agents to the consolidation of Uberlândia as a medium-sized city of regional and national significant importance.

KEY-WORDS: medium-sized city, economic agents, Uberlândia (MG).

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado a idéia do que vem a ser o espaço geográfico conquista novas direções e conceitos, levando a ocorrência de mudanças em diferentes setores, sejam eles tecnológicos ou econômicos, obrigando, assim, que outras estruturas espaciais surjam. De acordo com Moreira (1982), o espaço não é sustentáculo, substrato ou receptáculo das ações humanas, não se confunde com o espaço físico. O espaço geográfico é um espaço criado, uma formação social. Na verdade, os diversos espaços do mundo, em suas variadas hierarquias geográficas, compõem apoio e condição para as ligações globais.

É nele que a globalização se exprimiu efetivamente e criou suas especificidades. Nesse encadeamento de economia capitalista globalizada, observa-se a movimentação da geração do espaço, em particular, na escala regional.

Em virtude disso, se estabelece a exigência de ponderar a lógica e a dinâmicas peculiares do

Recebido em 03/04/2010

Aprovado para publicação em 09/12/2010

crescimento capitalista na multiplicação de uma espacialidade diversa e conseqüentemente, diferenciada. O espaço geográfico é compreendido de forma integrada, por meio da produção das relações sociais, de um espaço para o capital, máquina de sua recriação, resultado da criação da sociedade como um todo.

Esse método de progresso em relação à idéia e à movimentação de criação e recriação capitalista mostrar-se-á de modo diferente e ajustado com diversificação de escalas de crescimento econômico entre países, entre regiões de um país, entre as áreas rurais e as áreas urbanas e industriais de uma determinada região.

Agora, neste mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dão-se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões [...] Mas isso não suprime a região, apenas ela muda de conteúdo [...] A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem. (SANTOS, 1996, p. 197).

A concentração capitalista populacional é decorrente da variedade e facilidade de serviços oferecidos. A diversidade de agentes econômicos que uma determinada aglomeração urbana pode vir a ter acarreta a concorrência entre os territórios. Esta concorrência não depende apenas da quantidade de agentes econômicos disponíveis, mas, também, da dinâmica dos mesmos. A ligação com a economia global também contribui para a concorrência entre os territórios.

Esta ligação pode ser determinada por seu grau de internacionalização das cidades, participação em redes internacionais por parte dos agentes econômicos ali localizados, condições de inserção e centralidade dos territórios, facilidade de comunicações, enquadramento institucional das atividades desenvolvidas no território e, em particular, pela eficácia, articulação e dinâmica do que usualmente se denomina governação local.

Para que a disputa territorial permaneça é importante que as empresas e os serviços oferecidos evoluam e ampliem sua capacidade competitiva de maneira individual. Assim, disputarão mercados aproveitando-se dos avanços da globalização. As grandes e médias aglomerações urbanas oferecem maior favorecimento de infraestruturas às atividades econômicas, por sua situação de internacionalização, por seu nível cultural consideravelmente diversificado e pela sua centralidade urbana. Esses fatores são determinantes para gerar as condições de inserção territorial aos espaços produtivos locais.

A importância dessas aglomerações torna-se mais notável se pensarmos que as alterações econômicas sucedidas e, em curso, norteiam uma crescente necessidade dos serviços que, por sua vez, exigem de uma infra-estrutura de transportes e comunicações sofisticadas, disponibilidade de mão-de-obra qualificada e oferta diversificada e especializada de outros serviços.

Milton Santos, em sua obra *A urbanização brasileira*, destaca a importância do processo de industrialização para o desenvolvimento econômico e crescimento demográfico do país. Ele afirma que, a partir dos anos de 1940-1950, a lógica da industrialização prevaleceu sobre o território brasileiro. Na visão do autor, essa nova base econômica brasileira rompeu com o nível regional e passou a situar-se em escala nacional, gerando, a partir daí, um processo de urbanização que envolveu todo o território, sustentado pelo crescimento demográfico das cidades médias e grandes. Considerando, o papel que essas cidades médias passaram a desempenhar na rede urbana em que se inserem, no caso específico deste estudo, torna-se importante destacar o papel que Uberlândia desempenha na rede urbana regional do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

É necessário destacar que o sistema urbano dessa região foi formado a partir de núcleos urbanos dispersos e desarticulados, que influenciaram diretamente na organização do espaço regional, no estabelecimento de fluxos e na inserção da região na economia nacional. Assim, a partir da década de 1970, com a expansão do setor agropecuário, comercial e industrial e com a modernização das infra-estruturas de transportes e comunicações, ocorreu uma transformação nos papéis das cidades brasileiras, com a refuncionalização das atividades urbanas, tendo como conseqüência a reconfiguração da rede urbana. Soares (1997), analisando a realidade do Triângulo Mineiro, conclui que:

A refuncionalização da rede urbana do Triângulo Mineiro orientou-se

principalmente pela modernização do campo, que expulsou uma parcela significativa da população rural; pelo dinamismo de algumas aglomerações; pela intensificação dos fluxos de transportes e comunicações, bem como, pela diversificação dos serviços, que possibilitaram uma maior diferenciação entre as cidades. (SOARES, 1997, p. 118).

De forma semelhante, Bessa (2001), ao analisar a hierarquia urbana do Triângulo Mineiro, afirma que:

[...] no comando da rede urbana regional do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, está Uberlândia, que se apresenta enquanto uma “grande cidade média”; em seguida, têm-se Uberaba, Patos de Minas, Araguari e Ituiutaba, que são propriamente “cidades médias”; Araxá, Patrocínio, Frutal e Monte Carmelo, que podem ser consideradas “grandes cidades locais”; e por fim, na base da rede urbana, têm-se 15 “cidades locais” e outras 42 cidades pequenas, com tamanho populacional de até 10.000 habitantes. (BESSA, 2001, p. 278).

Soares (1995), ao estudar a cidade de Uberlândia na região do Triângulo Mineiro, conclui de que a cidade possui um significado regional muito expressivo, constituindo-se em um centro polarizador de alto contingente populacional, consumidor de seus serviços e bens produzidos. Na opinião da autora, os fatores que colocam Uberlândia como centro de expressão regional são: comércio (atacadista e varejista); educação superior; o atendimento à saúde; os serviços financeiros, de informática e de apoio à produção. A autora afirma também que no setor atacadista sua influência pode ser considerada nacional, pois a partir das empresas existentes, a cidade estabelece relações com outras cidades de outras regiões do país. Nesse sentido, é necessário destacar a atuação que a cidade de Uberlândia possui na rede urbana do Triângulo Mineiro:

A cidade de Uberlândia mudou de conteúdo e de qualidade, passando a manter relações constantes e duradouras com seu espaço regional, o que inclui [...] toda região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, assim como as regiões do nordeste paulista e do sudeste, sul e sudoeste goiano. Além de manter articulações com centros urbanos de hierarquia superior, entre eles: São Paulo, Brasília, Goiânia e Belo Horizonte. (SOARES et al, 2004, p. 156).

Essas relações são produtos da interligação entre o setor primário e terciário da economia do município, responsável pelo seu crescimento econômico, principalmente a partir da década de 1970. Além da relação entre setores, é necessário destacar a existência da malha de transportes que permitiu a expansão comercial e o escoamento da produção local para pontos diversificados do território. Assim, podemos dizer que as atividades do setor terciário, na medida em que vêm absorvendo crescentemente a força de trabalho, faz parte do modo de acumulação urbano, necessidade própria à expansão do capitalismo monopolista.

O artigo encontra-se estruturado em duas partes, sendo a primeira uma revisão bibliográfica sobre o tema central (cidade média) e os resultados, ou seja, as especialidades dos agentes econômicos em Uberlândia (MG). Ele é o relatório final de bolsa de iniciação científica desenvolvida no de 2007, sob a orientação da professora Beatriz Ribeiro Soares e co-orientação do professor Hélio Carlos Miranda de Oliveira³.

O plano de pesquisa da aluna Daniela Belo Silva intitulava-se *A espacialidade dos agentes econômicos em Uberlândia (MG): mapeando estratégias locais* e foi elaborado para contemplar os objetivos do projeto de pesquisa de mestrado desenvolvido por Hélio Carlos Miranda de Oliveira intitulado *Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias: reflexões a partir de Uberlândia (MG)* e os objetivos do Edital MCT/CNPq 02/2006 – Universal, intitulado *Uberlândia: agentes econômicos e reestruturação urbana*. Além disso, integrou os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia junto aos estudos da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), composta por pesquisadores do Brasil, Chile e Argentina; as pesquisas do projeto intitulado *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do Edital MCT/CNPq 07/2006 – Casadinho.

³ Na época, aluno do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia e professor substituto na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

CIDADES MÉDIAS: UMA BREVE REVISÃO⁴

O território brasileiro sofreu transformações significativas ao longo de sua história. A partir da década de 1970, o Brasil passou por um processo de modernização das estruturas produtivas, no campo e na cidade, criando um novo quadro social, que é de um país urbano e industrial. É claro que esse processo de industrialização e urbanização não se iniciou em 1970, entretanto, foi a partir desse decênio que o Brasil ganhou o adjetivo de país urbano-industrial.

O maior crescimento da população urbana em relação à população total do país está diretamente relacionado com a presença da ciência, da técnica e da informação na remodelação do território, principalmente, a partir da modernização do processo produtivo. A união da ciência, da técnica e da informação sobre o território recebe o nome de meio técnico-científico-informacional, que é

[...] marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam de *novo meio geográfico* para sua realização. A informação, em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar sua circulação. (Grifo nosso) (SANTOS, 2005, p. 38).

Esse novo meio geográfico tem as cidades como pólo de expressão máxima e são elas os espaços que mais crescem demograficamente no Brasil, nos últimos 40 anos. Tal crescimento deu-se rumo aos espaços não metropolitanos, conforme afirmou Santos (2005, p. 135).

[...] as aglomerações com mais de 1 milhão de habitantes continham 51,35% da população urbana em 1950 e somente 38,31% em 1980. Há, pois, evidente processo de desmetropolização, sem que o tamanho urbano das metrópoles diminua: são as cidades médias que aumentam em volume, crescendo sua participação na população total urbana. Enquanto as cidades com mais de 2 milhões de habitantes têm sua população multiplicada por 3,11 entre 1950 e 1980, o multiplicador para aquelas entre 1 milhão e 2 milhões era de 4,96. Esse índice é de 5,90 para a população urbana vivendo em aglomerações entre 500 mil e 1 milhão e de 5,61 para o conjunto daquelas entre 200 e 500 mil habitantes.

Santos (2005, p. 93) afirma que além do crescimento populacional, tais cidades também cresceram em número, sendo responsáveis por uma parcela significativa da população brasileira, atingindo, na década de 1980, o total de 22.040.446 habitantes urbanos em um total de 80.437.327, o que representa 27,4% do total da população urbana⁵.

A partir dessa constatação, Santos (2005) questiona qual o limite demográfico para classificar uma cidade média, pois em 1940 as cidades com mais de 20 mil habitantes eram classificadas como médias. Então, surge a questão: podemos classificar as cidades com mais de 20 mil habitantes como médias? O próprio autor sugere uma resposta.

Um dos problemas que se apresentam em ciências humanas é o do uso e interpretação das séries estatísticas, pois o número, em momentos distintos, possui significados diferentes. Nesse sentido, as séries estatísticas são miragens. O que chamávamos de cidade média em 1940/1950, naturalmente não é a média dos anos 1970/1980. No primeiro momento, uma cidade com mais de 20 mil habitantes poderia ser classificada como média, mas, hoje, para ser cidade, uma aglomeração deve ter população em torno de 100 mil habitantes. Isso não invalida o uso de quadros estatísticos, mas sugere cautela em sua interpretação. (SANTOS, 2005, p. 79).

E completa:

A partir dos anos 1970, parece ser esse (100 mil) o patamar necessário para identificação de cidades médias em boa parte do território nacional. A expansão e diversificação do consumo, a elevação dos níveis de renda e a difusão dos transportes modernos, junto a uma divisão do trabalho mais acentuada, faz com que as funções de centro regional passem a exigir maiores níveis de concentração demográfica e de atividades. Somente nas áreas mais atrasadas é que tais funções são exercidas por núcleos menores. (SANTOS, 2005, p. 82).

⁴ Soares (2005), Oliveira (2008) e Oliveira e Soares (2009) apresentam revisões bibliográficas mais abrangentes.

⁵ Foram consideradas as cidades com população variando de 100 mil a um milhão de habitantes.

Santos e Silveira (2001) e Santos (2005) afirmam que as cidades médias são, na atualidade, espaços do trabalho intelectualizado, lugar onde se obtêm informações necessárias à atividade econômica. O papel reservado a elas na rede urbana brasileira é o de ser intérpretes da técnica – em função de sua intelectualização – empregada na produção material, industrial e agrícola. Nesse sentido, Santos e Silveira (2001, p. 281) afirmam que:

[...] as cidades médias têm como papel o suprimento imediato e próximo da informação requerida pelas atividades agrícolas e desse modo se constituem em intérpretes da técnica e do mundo. Em muitos casos, a atividade urbana acaba sendo claramente especializada, graças às suas relações próximas e necessárias com a produção regional.

De acordo com as idéias de Santos e Silveira (2001), as cidades médias poderão se tornar centros especializados da rede urbana, especialmente, ligados à técnica e à ciência, sendo provedoras de suporte de ensino e pesquisa científica ligada às atividades agrícolas e, em alguns casos, comandando os aspectos técnicos da produção regional. Na tentativa de qualificar o que seria uma cidade média, Amorim Filho e Serra (2001) elegem alguns atributos necessários para tal classificação. Segundo os autores, para um centro aspirar tal adjetivo é necessário:

Interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional subordinado quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior;

Tamanho demográfico e funcional suficiente para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado; suficientes, sob outro ponto, para desempenharem o papel de centros de crescimento econômico regional e engendrarem economias urbanas necessárias ao desempenho eficiente de atividades produtivas;

Capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, por meio do oferecimento de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas;

Condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização como o espaço rural microrregional que o envolve; e

Diferenciação do espaço intra-urbano, como centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido como o das grandes cidades, isto é, por intermédio da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos. (AMORIM FILHO e SERRA, 2001, p. 09).

A partir dessas constatações, percebe-se o importante papel que os centros urbanos médios possuem na rede urbana brasileira, pois além de serem centros de decisões político-econômicas regionais, concentram, em seus espaços, estruturas ligadas ao comércio e serviços que alteram a divisão regional do trabalho. Assim, as cidades são pontos de inserção e superposição no território, que variam entre as horizontalidades e verticalidades, funcionando como depositárias e produtoras de bens e serviços exigidos por elas e por seu entorno. (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Considerando, então, o papel que essas cidades médias desempenham na rede urbana em que se inserem, no caso específico deste estudo, torna-se importante destacar o papel que a cidade de Uberlândia desempenha na rede urbana regional do Triângulo Mineiro. Diante desse contexto, o REGIC (Região de Influência das Cidades) revela que Uberlândia possui centralidade *muito forte* na região do Triângulo Mineiro, sendo a cidade que possui o mais alto nível de centralidade e de hierarquia dessa região, conforme é possível observar no quadro 01.

Considerando o papel de Uberlândia na rede urbana triangulina, nas atividades pode-se reafirmar a importância das ações das elites locais, pois elas também contribuíram para que Uberlândia passasse a ocupar o topo da hierarquia urbana regional. Dessa forma, pode-se concluir que as cidades médias brasileiras possuem papéis importantes no quadro urbano, e para a cidade de Uberlândia isso não é diferente, pois as cidades médias, segundo Soares et al (2004):

[...] se distinguem pelos índices de crescimento populacional e econômico, particularmente no que diz respeito à diversificação e à concentração de atividades comerciais e de serviços; por oferecerem empregos; por apresentarem bons índices de qualidade de vida; pela existência de redes de transporte, comunicação e informação modernas; por influenciarem na organização econômica regional, por proporcionarem maior equilíbrio interurbano a partir da redução do fluxo migratório em direção às metrópoles,

entre outros fatores. (SOARES et al, 2004, p. 158).

QUADRO 1

Triângulo Mineiro: níveis de centralidade e região de influência de algumas cidades segundo REGIC de 1993 e 2007

Cidades	Nível de centralidade (1993)	Região de influência (2007)
Uberlândia	Muito forte	Capital Regional B
Araguari	Médio para fraco	Centro de Zona B
Monte Carmelo	Médio para fraco	Centro de Zona B
Patrocínio	Médio pra fraco	Centro de Zona A
Ituiutaba	Médio	Centro Sub Regional B
Patos de Minas	Forte para médio	Centro Sub Regional A
São Gotardo	Fraco	Centro de Zona B
Uberaba	Forte	Capital Regional C
Frutal	Fraco	Centro de Zona A
Araxá	Médio	Centro de Zona A
Monte Alegre de Minas	Muito fraco	Centro Local
Prata	Muito fraco	Centro Local
Tupaciguara	Muito fraco	Centro Local

Fonte: IBGE (1993 e 2008).

Assim, faz-se necessário problematizar os critérios utilizados para classificar das cidades médias, com o aprofundamento das discussões sobre tal temática, para que dessa forma, essa pesquisa contribua para o entendimento dessas cidades e, conseqüentemente, para o avanço dessas discussões no âmbito da Geografia e, especificamente, da Geografia Urbana.

A ESPACIALIDADE DOS AGENTES ECONÔMICOS EM UBERLÂNDIA (MG)⁶

No desenvolvimento desta pesquisa foram tomados como referências, para o entendimento da realidade regional, os seguintes processos: a modernização da agricultura e a concentração econômica do setor terciário, baseados na proposta de Sposito et al (2007).

- A modernização da agricultura é processo fundamental para o entendimento da realidade regional, uma vez que foi a partir dessa modernização que a rede urbana do Triângulo Mineiro se refuncionalizou, criando, assim, uma nova dinâmica para as cidades dessa região, em especial, para Uberlândia. Esse processo é resultado dos avanços científicos e tecnológicos, promovidos pelas instituições públicas e privadas de pesquisa (institutos, empresas estatais, universidades, empresas privadas), que tiveram a cidade de Uberlândia como referência regional.
- A expansão territorial e a multiplicação das redes de estabelecimentos comerciais e de serviços, que aconteceram nos últimos 20 anos, geraram uma concentração econômica no setor terciário da economia, alterando o ciclo espacial das empresas envolvidas nesses setores, uma vez que no passado elas localizavam-se somente nas metrópoles e nas capitais de estados, com uma área de atuação bastante restrita, e hoje passam a ocupar também os espaços das cidades médias brasileiras, pois essas cidades são capazes de polarizar mercados consumidores regionais. Assim, o produto desse processo foi a modificação das formas de consumo e a reestruturação nessas cidades.

A metodologia proposta por Sposito et al (2007) para a investigação das cidades médias brasileiras refere-se à metodologia do projeto de pesquisa intitulado *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, que foi aprovado pelo CNPq

⁶ As informações apresentadas nesse artigo têm como base os anos de 1997 e 2007. A pesquisa foi realizada com apoio financeiro da FAPEMIG (bolsa de iniciação científica) e do CNPq (bolsa de mestrado), além do financiamento do Edital MCT/CNPq 02/2006 – Universal, intitulado *Uberlândia: agentes econômicos e reestruturação urbana*.

no Edital Casadinho, no ano de 2007, coordenado pelas professoras Denise Elias da Universidade Estadual do Ceará e Maria Encarnação Beltrão Sposito da Universidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente. Além de consolidar o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, este projeto também visa contribuir para a fundamentação teórico-conceitual da noção de cidade média, propondo novos parâmetros metodológicos para sua compreensão; analisar a estruturação urbana e regional das cidades médias, a partir da ação de novos agentes econômicos nos últimos vinte anos, realizar pesquisas sobre cidades médias em diferentes regiões brasileiras para avaliar os elementos que as identificam e aqueles que caracterizam suas especificidades; e analisar a dinâmica socioespacial das cidades médias brasileiras selecionadas para a pesquisa, a partir de sucessivas e articuladas escalas (locais, estaduais, nacional e supranacional).

O caminho metodológico seguido para a elaboração dessa pesquisa inicia-se no levantamento bibliográfico de estudos que envolvem as cidades médias, seja de análises teóricas, de proposição metodológica ou estudos empíricos. Após o levantamento bibliográfico delimitou-se a metodologia que seria aplicada no estudo da cidade de Uberlândia (MG), sendo escolhida a proposta de Sposito et al (2007).

A pesquisa de campo teve como recorte temporal o período de 1997 e 2007, com o objetivo de entender como a cidade de Uberlândia mudou no período de dez anos. As seguintes variáveis foram eleitas para a análise: comércio de adubos e fertilizantes agrícolas; comércio de sementes; empresas de vendas de tratores, peças e serviços; lojas de departamentos; bancos; e, instituições de nível superior. Para o ano de 1997 o levantamento de dados foi feito através da lista telefônica da cidade de Uberlândia, enquanto que para o ano de 2007, além da utilização da lista telefônica, também foram feitos trabalhos de campos para verificação das informações. Após as pesquisas (bibliográfica e de campo) foram sistematizados as informações obtidas e os resultados obtidos na pesquisa são apresentados abaixo.

EMPRESAS ASSOCIADAS AO AGRONEGÓCIO:

Com relação ao campo uberlandense destaca que:

Uberlândia atendeu às necessidades infra-estruturais exigidas pela agroindústria e, dessa forma, tornou-se um pólo agroindustrial importante, que influencia, além da sua própria região, outras quatro microrregiões, localizadas no Sudeste, Sul e Sudoeste de Goiás, e que privilegia o mercado consumidor do Centro-Sul. Tal setor é responsável pela criação de diversos *fluxos*, uma vez que tem à sua disposição uma complexa *configuração territorial*, responsável pela crescente fluidez. Esses *fluxos*, por conseguinte, foram capazes de intensificar as relações entre a cidade e o campo, entre as cidades da própria região, e também possibilitaram maior integração com o território nacional, por meio de importantes *sistemas de cooperação e de complementaridade*, em escalas cada vez mais abrangentes. Bessa (2005, p. 183) (Grifos da autora).

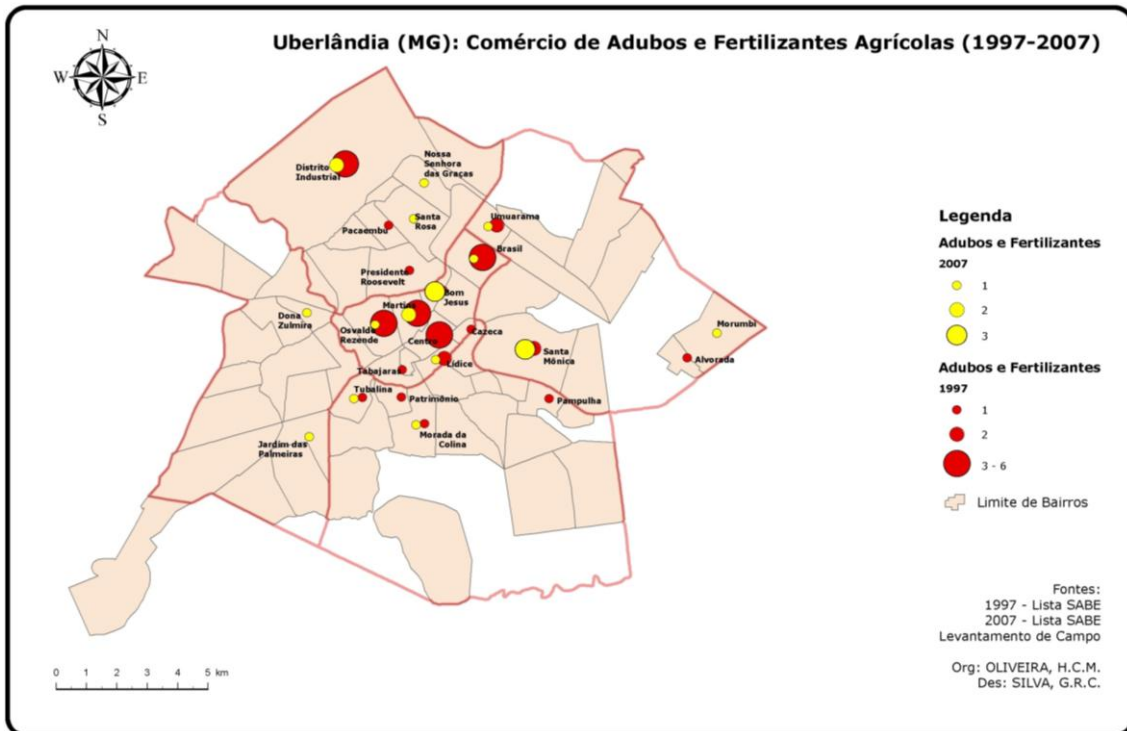
Uberlândia possui grande importância no setor agroindustrial, explicada pela presença de empresas voltadas para esse segmento da economia, sendo responsáveis pela produção e/ou distribuição de uma série de produtos fabricados em unidades presente na cidade. Essa constatação foi ser observada nos mapas 01, 02 e 03, que apresentam o crescimento de empresas que comercializam adubos, fertilizantes agrícolas, sementes, tratores, peças e serviços (OLIVEIRA, 2008).

A análise dos mapas⁷ 1, 2, 3 permite concluir que, apesar desse tipo de comércio estar voltado para o campo, a maior parte das lojas localiza-se no setor central da cidade e não nos bairros periféricos, mais próximos das áreas rurais do município. Além do centro, há o bairro Santa Mônica e o Distrito Industrial como as duas áreas da cidade que ostentam maiores concentrações desse tipo de comércio. Dentre os comércios citados, a comercialização de tratores e peças é o que mais apresenta dispersão no espaço urbano, mas, também, com centralização de atividades no setor central da cidade.

⁷ O Mapa 1 representa que a quantidade de empresas que comercializam adubos e fertilizantes agrícolas era maior no ano de 1997 do que no ano de 2007. Essa constatação se dá em função dos dados referentes ao no de 1997 terem sido levantados considerando somente a lista telefônica, impossibilitando a separação entre empresas especializadas e lojas agropecuárias de bairros. A mesma consideração é válida para o Mapa 3.

MAPA 1

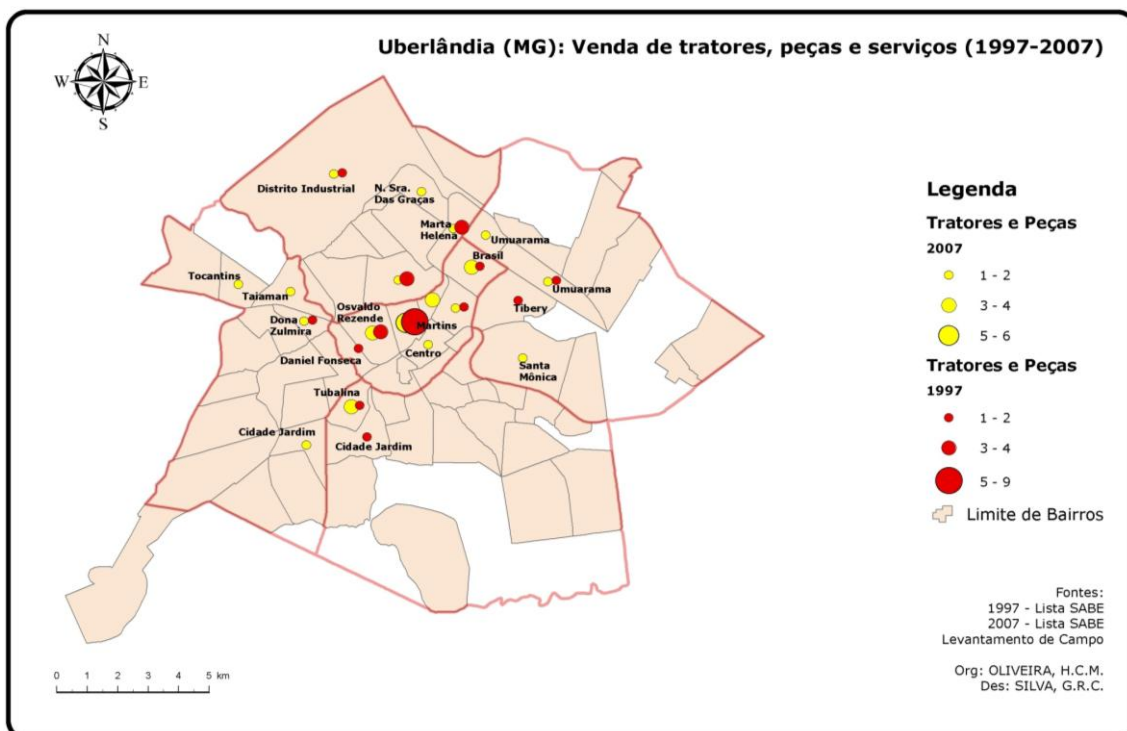
Uberlândia (MG): comércio de adubos e fertilizantes agrícolas (1997-2007)



FONTE: Oliveira (2008, p. 164).

MAPA 2

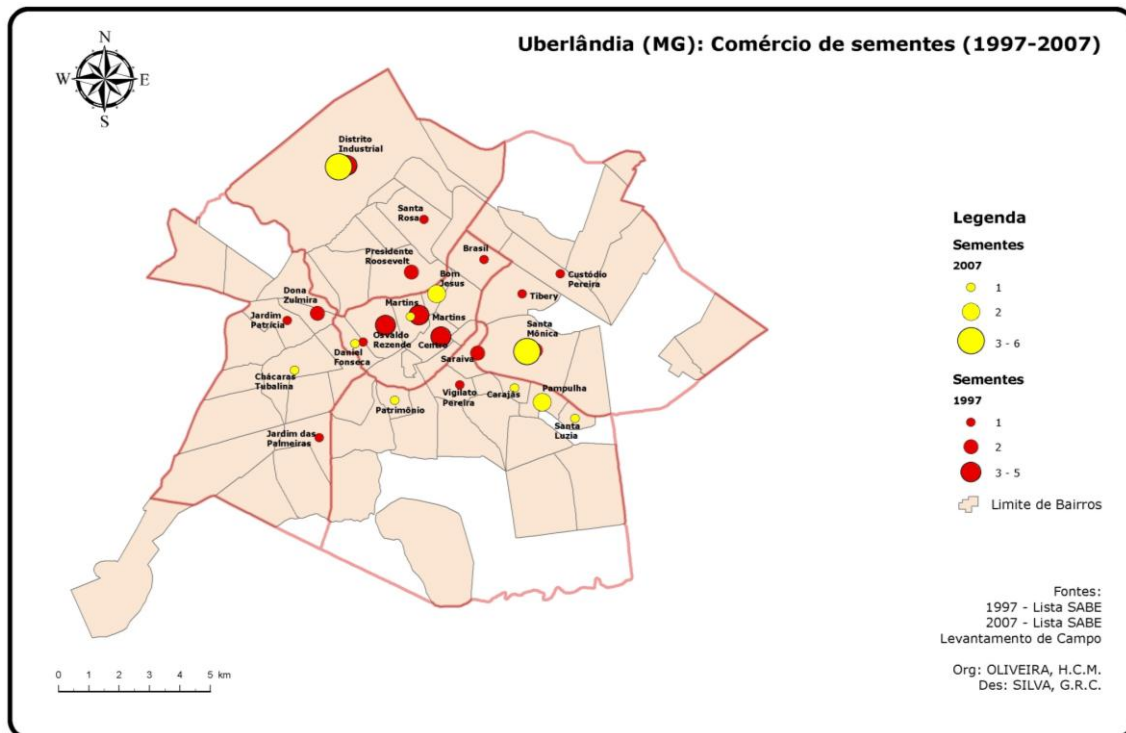
Uberlândia (MG): comércio de tratores, peças e serviços (1997-2007)



FONTE: Oliveira (2008, p. 166).

MAPA 3

Uberlândia (MG): comércio de sementes (1997-2007)



FONTE: Oliveira (2008, p. 165).

COMÉRCIO VAREJISTA, COM DESTAQUE PARA AS LOJAS DE DEPARTAMENTOS:

Na pesquisa foram considerados os hipermercados Carrefour e Extra e também, os supermercados em rede como Bretas Supermercados, Sinhá Supermercados, Leal Supermercados, Rede Super Maxi de Supermercados, Rede Smart de Supermercados, Rede Biz de Supermercados e Rede Valor de Supermercados e dois importantes supermercados que possuem somente uma loja, Supermercado Cristo Rei e Supermercados D'Ville.

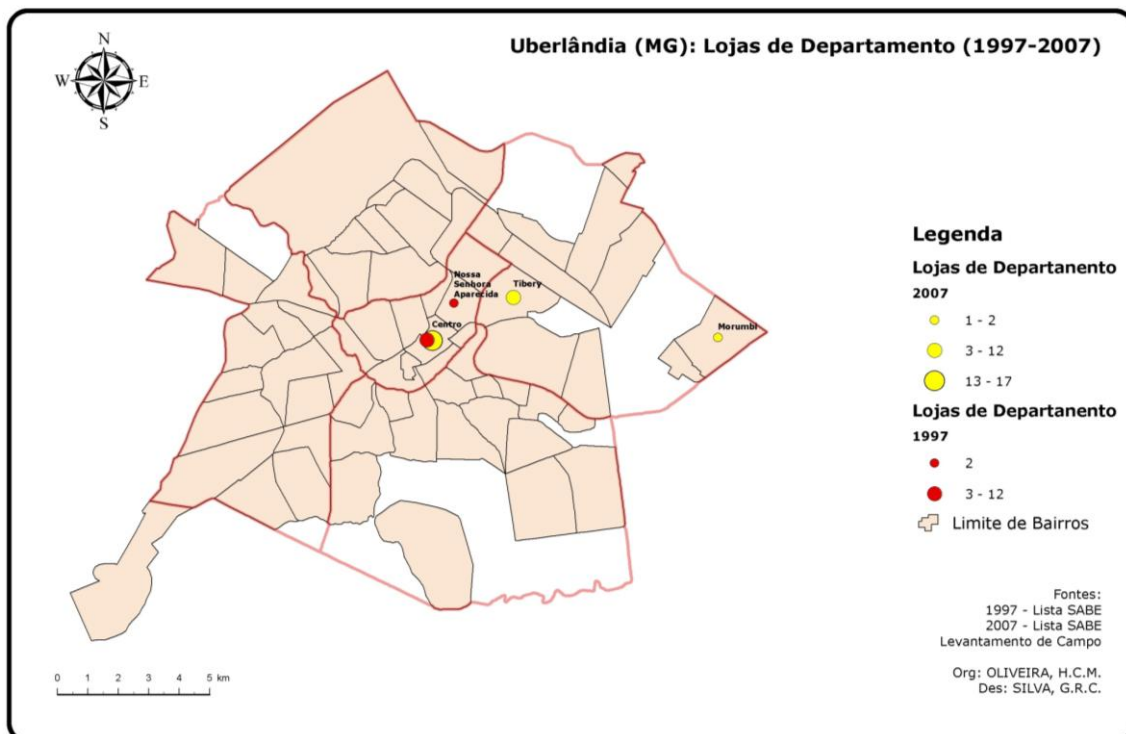
Com relação à localização das lojas, os dois hipermercados encontram-se em vias de trânsito rápido, de fácil acesso com amplos estacionamentos. O hipermercado Carrefour ocupa uma área vizinha ao *shopping center* da cidade, no entroncamento de duas principais avenidas da cidade, a Avenida João Naves de Ávila e a Avenida Rondon Pacheco, no setor leste da cidade, enquanto hipermercado Extra localiza-se na Avenida Rondon Pacheco, no limite do setor central com setor sul (OLIVEIRA, 2008).

As lojas de supermercados em rede encontram-se distribuídas por todo o espaço urbano de Uberlândia, conforme demonstra o Mapa 04. Entre as redes existentes em Uberlândia, a Rede Smart de Supermercados e a Rede Valor de Supermercados merecem ser destacadas, pois pertencem, respectivamente, a empresas atacadista-distribuidoras Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A e Peixoto Comércio, Indústria e Serviço de Distribuição Ltda. Essas duas redes possuem lojas em toda a região do Triângulo Mineiro e controlam parte significativa dos supermercados em rede da cidade (OLIVEIRA, 2008).

Conforme demonstra o Mapa 4, os supermercados e hipermercados de Uberlândia não se concentram em um setor específico, eles estão espalhados pela cidade, dividindo-se em setores, da seguinte maneira: setor central com quatorze lojas, setor norte com nove lojas, setor sul com onze lojas, setor leste com cinco lojas e o setor oeste com treze lojas.

MAPA 4

Uberlândia (MG): lojas de departamentos (1997-2007)



FONTE: Oliveira (2008, p. 178).

As atividades de comércio varejista conferem a Uberlândia uma importância regional, pois atrai populações de outras cidades para o consumo de mercadorias, principalmente, no que diz respeito aos hipermercados. Assim, o comércio varejista, como a educação e a saúde são atividades econômicas responsáveis por atrair pessoas e capitais para a cidade, fortalecendo, dessa maneira, as relações que Uberlândia possui com as cidades do seu entorno regional (OLIVEIRA, 2008).

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS: BANCOS

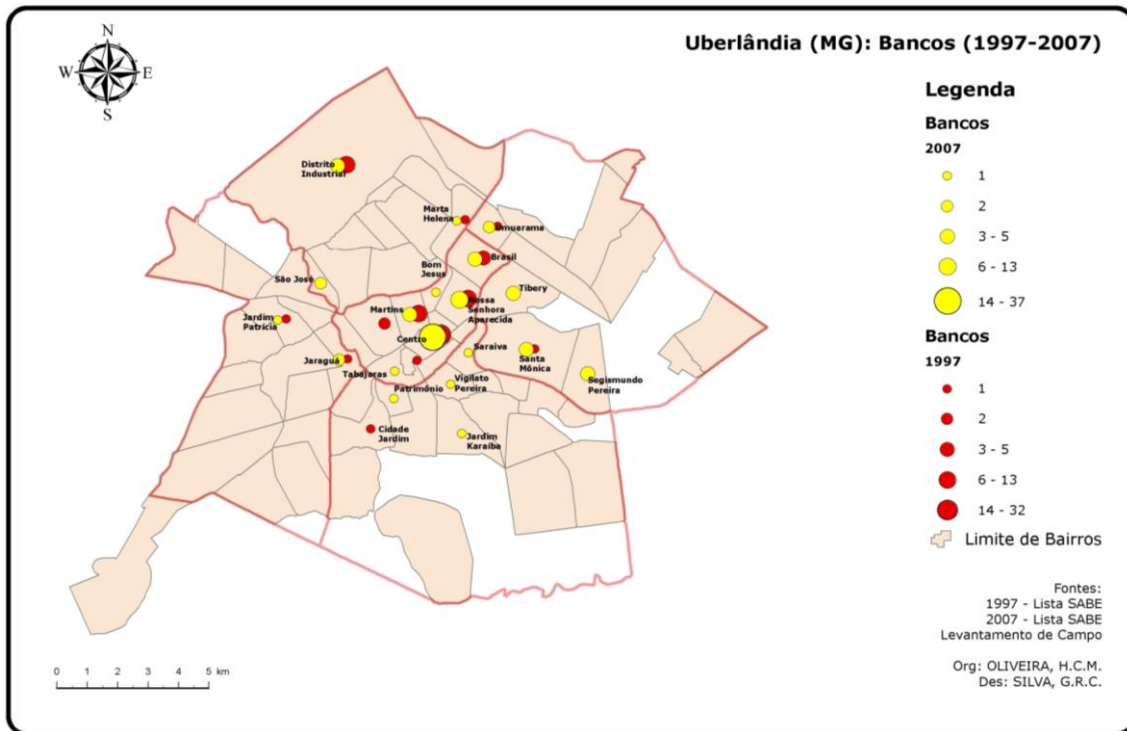
Os bancos representam uma atividade do setor terciário de importante significado no papel regional de Uberlândia. Destaca-se o crescimento numérico de agências bancárias no período de 1997 a 2007 (Mapa 05), se que passou de 64 agências em 1997, para 89 agências em 2007. No ano de 1997, 52 agências localizavam-se no setor central da cidade, seis no setor norte, três no oeste, duas no leste e uma no setor sul. No ano de 2007, o setor central é o que apresenta maior concentração de agências, totalizando 60 unidades, enquanto o setor leste possui 15 agências, o norte sete, o sul quatro e o oeste somente três (OLIVEIRA, 2008).

Com relação às bandeiras das redes bancárias, percebe-se que houve uma redução no total de instituições bancárias que atuam na cidade, passando de 26 bandeiras em 1997 para 24 para 2007. No período pesquisado, das 24 bandeiras existentes no ano de 1997, treze não se mantiveram para o ano de 2007 e dez novas bandeiras diferentes se instalaram (OLIVEIRA, 2008, p.192).

O motivo da queda no número de bandeiras no período pesquisado pode ser explicado pelo período de privatizações dos bancos públicos, pelas fusões das empresas bancárias ou pelo decreto de falência de algumas empresas. Por outro lado, tem-se o aumento de agências de algumas bandeiras, que compraram ou se fundiram com outras empresas, como é o caso da compra do extinto BEMGE (Banco do Estado de Minas Gerais) pelo Banco Itaú, no período de privatização dos bancos brasileiros (OLIVEIRA, 2008).

MAPA 5

Uberlândia (MG): agências bancárias (1997-2007)



FONTE: Oliveira (2008, p. 194).

ENSINO SUPERIOR

A educação, especialmente a educação superior, é responsável pela conservação do papel regional da cidade de Uberlândia, pois tais estabelecimentos atraem pessoas de várias regiões do território brasileiro, especialmente do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, norte de Minas, sul de Goiás, Distrito Federal, norte de São Paulo, leste do Mato Grosso do Sul.

No ano de 1997, a cidade contava com apenas duas instituições de nível superior, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com três campi, sendo dois no setor leste e um no setor central da cidade; e o Centro Universitário do Triângulo⁸ (UNITRI), com um campus no setor sul. No ano de 2007, a cidade passou a contar com doze instituições de nível superior, com vinte campi (Tabela 1). As instituições de ensino superior que surgiram a partir de 1997 estão localizadas, majoritariamente, no setor central de Uberlândia (Mapa 06). As unidades que necessitam de maior espaço físico estão em outros setores, como é o caso da UFU, UNITRI, Uniminas e FPU. Os cursos oferecidos nas instituições de ensino superior da cidade são de tecnologia, graduação (bacharelado e licenciatura), pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* nas modalidades presenciais e à distância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados, conclui-se que Uberlândia apresenta uma estrutura que permite inserir a cidade na rede urbana nacional e com fortes relações na rede urbana regional, transformando-a em uma cidade média com forte importância regional e extra-regional, capaz de atrair para si fluxos de pessoas, capitais e mercadorias.

A inserção regional da cidade se dá em função das inovações existentes no setor terciário de sua economia, atraindo pessoas do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, sul goiano e norte de São Paulo, uma vez que Uberlândia possui serviços complexos de alta qualidade, destacando-se como pólo científico da região, em função das grandes empresas ligadas ao agronegócio, das empresas atacadistas e das universidades e faculdades. Em alguns casos, como das

⁸ No ano de 1997 o Centro Universitário do Triângulo era conhecido pela seguinte sigla: UNIT.

empresas agroindustriais e as atacadistas, as relações estabelecidas alcançam níveis nacionais, colocando a cidade de Uberlândia entre os principais pólos de produção e distribuição de mercadorias.

TABELA 1

Uberlândia (MG): instituições de nível superior (2007).

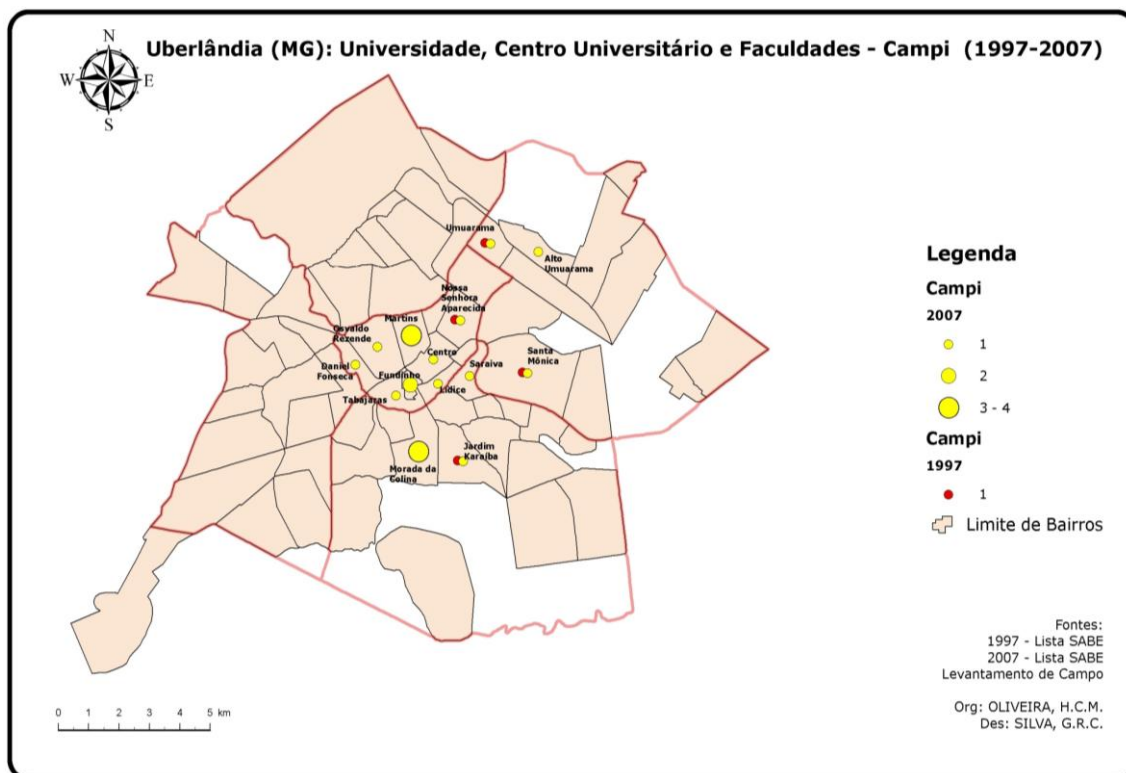
Instituições de ensino superior	Campi
Universidade Federal de Uberlândia – UFU	03
Centro Universitário do Triângulo – UNITRI	01
Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação - ESAMC	01
Faculdade Católica de Uberlândia – FCU	01
Faculdade Politécnica de Uberlândia – FPU	02
Algar Universidade de Negócios – UniAlgar*	01
Universidade Martins do Varejo – UniMartins*	01
Faculdade de Marketing e Negócios – Iniessa	01
União Educacional de Minas Gerais – Uniminas	01
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC	05
Universidade de Uberaba – UNIUBE	02
Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR	01
Instituto de Pós-Graduação – IPG	01

Nota da tabela: * Essas instituições oferecem cursos complementares de formação de recursos humanos e especializações *lato sensu*, entretanto não são universidade no sentido estrito da palavra.

FONTE: OLIVEIRA (2008, p. 199).

MAPA 6

Uberlândia (MG): instituições de ensino superior (1997-2007)



FONTE: Oliveira (2008, p. 202).

Nesse contexto, ao analisar esses indicadores, é possível afirmar que esse grupo de fixos artificiais é responsável por dar fluidez ao território, levando Uberlândia ao comando da rede urbana do Triângulo Mineiro.

Assim, conclui-se que a cidade de Uberlândia é uma cidade média que possui importantes relações nacionais, principalmente em função das empresas atacadista-distribuidoras e de telecomunicações, e relações regionais – devido o setor educacional, de saúde e de comércio e serviços – abrangendo, principalmente, o sul de Goiás, o norte de São Paulo e toda a região do Triângulo Mineiro. É uma cidade média que está em transição para a grande cidade, uma vez que estabelece relações que vão além de sua abrangência regional, entretanto, não conseguem atingir os níveis metropolitanos (OLIVEIRA, 2008, p. 217).

As atividades de comércio e serviços abordadas no artigo demonstram a importância regional da cidade, pois essas atividades atraem populações de outras cidades para o consumo de mercadorias e de serviços em Uberlândia, fortalecendo, assim, as relações da cidade com a região.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SERRA, Rodrigo Valente. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento Urbano e Regional. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 01-34.

BESSA, Kelly. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, ano 6, v. 16, p. 268-288. Out. 2005. Disponível em: <<http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br>>. Acesso em: 02 ago. 2005.

BESSA, Kelly. **Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia**: o lugar na era das redes. 2001. 333f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2001.

MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: _____. **Geografia, teoria e crítica**: o saber posto em questão. São Paulo: HUCITEC, 1982. p. 33-63.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias**: reflexões a partir de Uberlândia (MG). 2008. 364f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidades médias: contribuições para o debate. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 11., 2009, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 2009. p. 01-21.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **REGIC**: Região de Influência das cidades 1993. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **REGIC**: Região de Influência das cidades 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201p.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2005. 174p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 190p.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Urbanização no cerrado mineiro: o caso do Triângulo Mineiro. In: Silva, J. B. da; COSTA, M. C. L.; DANTAS, E. W. C (Org.). **A cidade e o urbano**. Fortaleza: EUFC, 1997, p. 105-130.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidades médias: uma revisão bibliográfica. In: ALVES, Adilson Francelino; FLÁVIO, Luiz Carlos; SANTOS, Roseli Alves dos (Org.). **Espaço e território**: interpretações e perspectivas do desenvolvimento. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 273-285.

SOARES, Beatriz Ribeiro et al. Dinâmica urbana na bacia do rio Araguari (MG) – 1970-2000. In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rosselvelt José (Org.). **Gestão ambiental na bacia do rio Araguari**: rumo ao desenvolvimento sustentável, Uberlândia: UFU/IG, Brasília: CNPq, 2004, p. 125-161.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. O estudo das cidades médias brasileiras. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-67.